



ESCOLA UNIVERSITÁRIA VASCO DA GAMA

MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

**COABITAÇÃO HUMANOS-ANIMAIS EXÓTICOS: ABORDAGEM A ESTE INTERESSE
CRESCENTE**

Mariana Ribeiro da Fonseca

Coimbra, julho de 2019



ESCOLA UNIVERSITÁRIA VASCO DA GAMA

MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

**COABITAÇÃO HUMANOS-ANIMAIS EXÓTICOS: ABORDAGEM A ESTE INTERESSE
CRESCENTE**

Coimbra, julho de 2019

Mariana Ribeiro da Fonseca

Aluna do Mestrado integrado em Medicina Veterinária

Constituição do Júri

*Presidente do Júri: Prof. Doutora Liliana
Montezinho*

Arguente: Prof. Doutor Diamantino Santos

Orientador: Prof. Doutora Ana Calado Lopes

Orientador Interno

Prof. Doutora Ana Calado Lopes

Coorientador Interno

Doutor Hélder Craveiro

Orientador Externo

Doutor Joel Ferraz

Centro Veterinário de Exóticos do Porto

Dissertação do Estágio Curricular do Ciclo de
Estudos Conducente ao Grau de Mestre em
Medicina Veterinária da EUVG

Aos meus pequenos “exóticos” que me inspiraram e
a quem agora dedico todas as minhas conquistas.

ÍNDICE

ÍNDICE DE FIGURAS	VI
ÍNDICE DE TABELAS	VII
LISTA DE ABREVIATURAS	VIII
COABITAÇÃO HUMANOS-ANIMAIS EXÓTICOS: ABORDAGEM A ESTE INTERESSE CRESCENTE	1
RESUMO	2
ABSTRACT	3
PALAVRAS-CHAVE	4
KEY WORDS	4
INTRODUÇÃO	5
1 - DEFINIÇÕES E CONTEXTUALIZAÇÃO	6
1.1 - Animal de Companhia	6
1.2 - Animal de Companhia Exótico	6
1.3 - A Relação entre Humanos e Animais	6
1.4 - Relação Humanos-Animais Exóticos	8
2 - HUMAN-ANIMAL BOND E MECANISMOS ÍNTRINSECOS	11
2.1 - Princípio da Similaridade e Neotenia	11
2.2 - Teoria do Apego e o Fenômeno da Antropomorfização	12
2.3 - Hipótese da Biofilia	13
2.4 - A Ocitocina como Hormona Reguladora de Comportamentos	13
3 - MOTIVAÇÕES PARA COABITAR COM ANIMAIS DE COMPANHIA	14
3.1 - Argumento da Deficiência	14
3.2 - Argumento da Abundância	14
3.3 - Argumento da Dominância	15
3.5 - As Motivações das Pessoas para se Relacionarem com Animais de Companhia	15
3.6 - Motivações para Coabitar com um Animal de Companhia Exótico	16
4 - FATORES RELACIONADOS COM A ESCOLHA DO ANIMAL DE COMPANHIA	18
4.1 - Fatores Relacionados com o Tutor	18
4.2 - Fatores Relacionados com o Animal	21
5 - EFEITOS DA COABITAÇÃO HUMANOS-ANIMAIS	23
5.1 - Vantagens para os Seres Humanos	23
5.2 - Vantagens para o Animal de Companhia	23
5.3 - Desvantagens para os Seres Humanos	24
5.4 - Desvantagens para o Animal de Companhia	24
6 - DISCUSSÃO	26
AGRADECIMENTOS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
ANEXO A: COMPONENTE PRÁTICA - DESENVOLVIMENTO E DISTRIBUIÇÃO DE INQUÉRITO	33

Inquérito: Coabitação Humanos-Animais Exóticos – Abordagem a este Interesse Crescente	34
---	----

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.....	7
Figura 2.....	12

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1.....	16
---------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS

AC – Animal de companhia;

ACE – Animal de companhia exótico;

CCN – Células das cristas neurais;

CITES – Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora;

EUA – Estados Unidos da América.

COABITAÇÃO HUMANOS-ANIMAIS EXÓTICOS: ABORDAGEM A ESTE INTERESSE CRESCENTE

Mariana Fonseca^a, Joel Ferraz^b, Hélder Craveiro^c, Ana Calado^d

^a Departamento de Medicina Veterinária, Escola Universitária Vasco da Gama, Av. José R. Sousa Fernandes 197, Campus Universitário – Bloco B, Lordemão, 3020-210, Coimbra, Portugal (mariana.r.f_95@hotmail.com)

^b Centro Veterinário de Exóticos do Porto, Rua João Andresen 132, 4250-242 Porto, Portugal (cvep.geral@gmail.com)

^c Hospital Veterinário Baixo Vouga, Estrada Nacional 1, 355, Segadães, 3750-742 Águeda, Portugal (vethelder.craveiro@gmail.com)

^d Departamento de Medicina Veterinária, Escola Universitária Vasco da Gama, Av. José R. Sousa Fernandes 197, Campus Universitário – Bloco B, Lordemão, 3020-210, Coimbra, Portugal (anacaladolopes@gmail.com)

RESUMO

A domesticação de animais durante a pré-história originou os diferentes tipos de relações Homem-animal (*human-animal bond*), de acordo com o interesse alimentar, de serviços e/ou de companhia, tendo evoluído ao longo da história. Os mecanismos intrínsecos desta relação são estudados sob o ponto de vista do Princípio da Similaridade, da Neotenia, da Teoria do Apego, da Hipótese da Biofilia e ainda do efeito da ocitocina que, em conjunto, tentam explicar a proximidade determinadas espécies em detrimento de outras junto do Homem.

Os animais de companhia domesticados são o cão e o gato, contudo tem-se assistido a um fenómeno crescente na procura de novas espécies para desempenharem este papel, não sendo, necessariamente, espécies domesticadas. Nestes novos animais de companhia, ditos exóticos, incluem-se espécies da classe dos mamíferos, aves, répteis e anfíbios, entre outras. Muitos estudos têm procurado entender as motivações quanto à escolha de um animal exótico para coabitação, sendo este o foco desta revisão. Os fatores relacionados com a escolha da espécie exótica adquirida prendem-se com o contexto socioeconómico e religioso, com o objetivo relacionado com a utilização ulterior desses animais e, muito importante, com a personalidade das pessoas que os adquirem.

Na era do século XXI, onde as pessoas se deparam com o consumismo e a exposição digital e individual a desconhecidos, mas também sentem a necessidade da proximidade com a natureza, existem diferentes atitudes face aos animais e ao meio ambiente.

ABSTRACT

The animal's domestication during prehistory originated different types of human-animal bond, according the interests in food, service and/or companion, having evolved throughout history. The intrinsic mechanisms of this relationship are studied from the point of view of the Principle of Similarity, Neoteny, Attachment Theory, Biophilia Hypothesis and also the effect of the oxytocin, which together to explain the proximity of certain species to the detriment of others with man.

Domesticated companion animals are the dog and cat; however, there has been a growing phenomenon in the search for new species to play this role, not necessarily domesticated species. These exotic animals include exotic species of the class of mammals, birds, reptiles and amphibians, among others. Many studies have sought to understand the motivations for choosing an exotic animal for cohabitation, and this is the focus of this review. The factors related to the choice of the exotic species acquired are related to the socio-economic and religious context, with the objective related to the later use of these animals and, very importantly, to the personality of the people who acquire them. In 21st century era, where people are faced with consumerism and digital and individual exposure to strangers, but also feel the need for closeness to nature, exist different attitudes toward animals and the environment.

PALAVRAS-CHAVE

Novos animais de companhia; *human-animal bond*; domesticação; motivação, tutor, mecanismos intrínsecos.

KEY WORDS

New companion animals; human-animal bond; domestication; motivation; owner; intrinsic mechanisms.

INTRODUÇÃO

A clínica de animais exóticos e selvagens é uma área da medicina veterinária que se encontra em expansão em todo o mundo. Em Portugal, os tutores cada vez mais procuram animais de companhia (ACs) de espécies diferentes aos tão comuns cães e gatos. Os animais de companhia exóticos (ACEs) incluem animais pertencentes às classes dos mamíferos, aves, répteis, peixes, anfíbios, entre outras. Consequentemente à crescente procura destes ACs, existe também a procura de aconselhamento e ajuda médica especializada, à qual a medicina veterinária tem que estar, ou devia estar preparada para responder.

Os ACEs têm ganho popularidade e a sua presença nas habitações humanas é cada vez mais numerosa. Este fenómeno crescente que, aparentemente, ter-se-á iniciado no século XX e ganho grande força no século XXI, suscita muita curiosidade científica. Os seres humanos desde cedo que procuram manter os animais perto de si por diversos motivos, seja pela exploração de matérias e serviços, seja pelo prazer da sua companhia. As motivações e os fatores determinantes que levam uma pessoa a acolher um ACE, em detrimento de um AC convencional, são a matéria de estudo desta dissertação. Começa-se por fazer uma contextualização e explicação de conceitos, depois desenvolve-se a ligação homem-animal, por facilidade, designada de *human-animal bond*, com o fim de explicar a procura contemporânea de companhia de outros seres vivos, por vezes peculiares, bem como tentar perceber as interações que regem a relação tutor-animal e se existem fatores diferenciadores entre tutores de ACEs e de ACs convencionais.

1 - DEFINIÇÕES E CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 - Animal de Companhia

Segundo a legislação portuguesa e o Artigo 389º da Lei nº69/2014 de 29 de agosto de 2014, “Animal de Companhia” é definido como qualquer animal detido ou destinado a ser detido pelo homem, designadamente no seu lar, para seu entretenimento (Assembleia da República, 2014). Na literatura científica, há conceitos um pouco diferentes quanto à abrangência de espécies contempladas, havendo algum consenso na ideia de que um AC é um animal mantido em privado por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, com interesse em obter companhia ou como passatempo (Tegeder, 2015).

1.2 - Animal de Companhia Exótico

O conceito “animal de companhia exótico” (ACE) compreende animais não convencionais mantidos para companhia, como por exemplo, aves, peixes, répteis e alguns pequenos mamíferos (Tegeder, 2015). A “classificação” de ACEs inclui assim espécies de animais selvagens, animais normalmente usados em pesquisa laboratorial e espécies nativas de várias regiões do mundo (Eckermann-Ross, 2011). Existe ainda a designação de “novos animais de companhia”, no entanto, para simplificar, o conceito ACE será usado para nos referirmos a animais que não pertencem às espécies convencionais mantidas como ACs, sendo estas o cão (*Canis lupus familiaris*) e o gato (*Felis catus*).

1.3 - A Relação entre Humanos e Animais

Foi na pré-história que se iniciaram as relações humanos-animais (Avanzino, n.d.). Trata-se da relação etnozoológica mais antiga da humanidade (Alves & Rocha, 2018). Não obstante ao cão ter sido a primeira espécie a ser domesticada durante o paleolítico através da via comensal de domesticação por antropofilia, foi durante o período Neolítico que a atividade agrícola motivou a domesticação dos animais para fins alimentares através da via de aprisionamento e reprodução dirigida (Figura 1) (Wolf, Doorn, Leimar, & Weissing, 2014). Assumindo que a domesticação dos animais tinha inicialmente um objetivo definido e prático, ambas as partes beneficiariam da relação (Godfrey, 2011). A domesticação foi um processo progressivo e variou com diversos contextos geográficos e históricos (Leigh, 1966)

Na atualidade, a definição feita por Zeder (2015), é amplamente aceite: “A domesticação animal é uma relação mutualista, multigeracional e sustentada onde um organismo tem influência significativa sobre a reprodução e o cuidado de outro organismo com vista a obtenção mais previsível de um recurso de interesse e onde o organismo parceiro obtém vantagens sobre os indivíduos que são mantidos de fora desta relação, beneficiando e aumentando a performance de ambos, domesticador e domesticado” (Zeder, 2015).

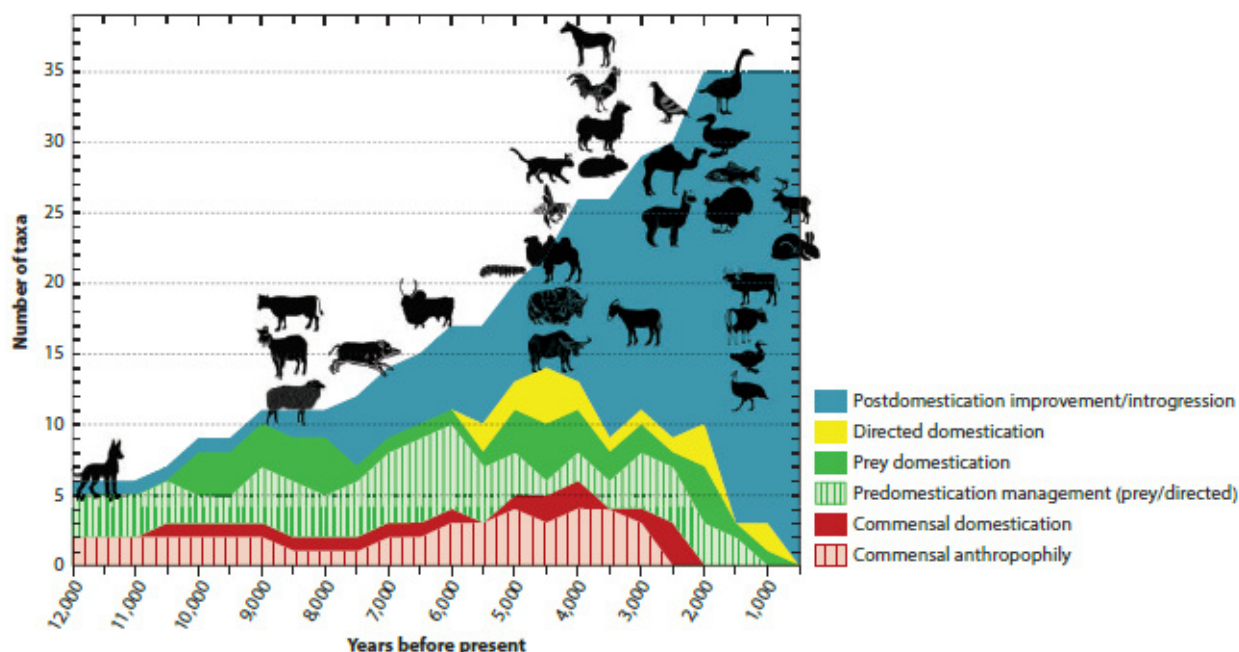


Figura 1 – Domesticação das diferentes espécies animais ao longo do tempo, entre o Holoceno e 500 anos antes do presente, e indicação da via pela qual ocorreu. Fonte: <https://doi.org/10.1146/annurev-ecolsys-110512-135813> (Fuller & Larson, 2014)

Atualmente, as relações assentam na necessidade do animal obter alimento e segurança, e pela necessidade de uma forma de amor, obediência, diversão ou serviços, por parte dos humanos (Leigh, 1966). Assim as relações podem ser resumidas em três tipos: relações assentes na produção (alimento, peles e outros produtos), assentes na obtenção de trabalho e serviços (pesquisa laboratorial, por exemplo) e emocionais e sociais (Alves & Rocha, 2018). Sobre este último ponto, é evidente que estamos vivenciar uma era em que os ACs são muito apreciados e desempenham inúmeros papéis chegando a servirem de substitutos para protetores, amigos e filhos (Mornement, 2018).

O conceito “animal de companhia” em detrimento do termo “animal de estimação” vem mostrar uma mudança na forma de pensar da sociedade, os animais são vistos como seres com sensibilidade semelhante à das pessoas (Godfrey, 2011). Com o afastamento de outras pessoas, parece haver uma maior necessidade em ter um AC ao seu lado, a necessidade de observar seres vivos sencientes com a capacidade de viver o momento, de receberem e transmitirem afeto (Avanzino, n.d.). Está a assistir-se à aprendizagem e valorização da natureza própria do animal e daquilo que estes podem ensinar, ao contrário da antropomorfização a que antigamente se assistia e à valorização pelo desempenho nas funções que os humanos nomeavam para eles (Avanzino, n.d.).

Os ACs ocupam um nicho na vida doméstica que nenhum humano consegue ocupar, eles são ao mesmo tempo sujeitos e objetos, família e propriedade, são identificados com o seu tutor, cuidados por ele que também é seu porta-voz, por isso, todos estão confinados ao seu espaço pessoal (Frigiola, 2014). Não existe dúvida que este tipo de relação humanos-animais é muito complexo e levanta muito interesse (Mornement, 2018).

1.4 - Relação Humanos-Animais Exóticos

Na relação humanos-animais exóticos, impõe-se fazer uma separação entre a classe dos peixes, das aves, dos pequenos mamíferos e dos répteis.

Os peixes têm, historicamente, uma finalidade alimentar na pesca, mas também em aquacultura, nomeadamente os Sumérios (2500 AC) mantinham peixes em cativeiro para sua alimentação, já os Egípcios e Romanos viam nestes animais algo mais do que alimento, mas foi na China, durante a Dinastia Sung (960-1279), que foram mantidos em cativeiro e reproduzidos com intenção de produzir peixes ornamentais (Vinet & Zhedanov, 2011). Este interesse chegou à Europa nos meados do século XVII, e aos Estados Unidos da América (EUA) no final do século XIX início do século XX (Vinet & Zhedanov, 2011). Atualmente, os animais aquáticos ornamentais incluem também invertebrados (Alves & Rocha, 2018). Este setor económico tem sido crescente devido à beleza e raridade de algumas espécies, representando o grupo animal mais numeroso no comércio de ACs ornamentais (Alves & Rocha, 2018), tendo havido grandes avanços técnicos para melhorar o seu manejo e sobrevivência (Vinet & Zhedanov, 2011).

As aves desde muito cedo na história das civilizações foram mantidos em cativeiro, por exemplo, pelos egípcios (Vinet & Zhedanov, 2011). O transporte e comercialização de aves ocorreu por via marítima entre os séculos XVI e XVIII, sendo atualmente, preferencialmente por via aérea (Vinet & Zhedanov, 2011). A reprodução de aves ornamentais em cativeiro é uma atividade que se tornou muito popular nos EUA neste século, no entanto, espécies como canários (*Serinus canaria*) e periquitos (*Melopsittacus undulatus*) começaram a ser criadas em cativeiro desde os séculos XVIII e XIX (Vinet & Zhedanov, 2011). Na atualidade, cerca de 37% de todas espécies de aves conhecidas (9856 espécies) são usadas como ACs, muito devido às suas características físicas atrativas e habilidades canoras (Alves & Rocha, 2018).

No grupo dos mamíferos serão referidos os ACEs mais comuns em Portugal, ou seja, coelho, porquinho-da-Índia, hamster, furão e chinchila.

Os coelhos (*Orytolagus cuniculus*) tornaram-se ACEs muito populares nos EUA, países Mediterrâneos e Reino Unido, onde existem cerca 1,7 milhões de coelhos mantidos como ACs, fazendo deles o terceiro animal mais popular (Edgar & Mullan, 2011). Atualmente conhecem-se 47 raças diferentes difundidas por todo o mundo, exceto na Antártida (Naff & Craig, 2012). Apesar da domesticação, o repertório comportamental natural dos coelhos foi pouco influenciado, existindo uma discrepância entre as condições em que habitualmente são mantidos e as adaptações que estes sofreram em ambiente doméstico (Edgar & Mullan, 2011). A domesticação é muito próxima de nós, já que foi na Península Ibérica no final da Era do Plioceno, há de cerca de dois milhões de anos, que surgiu uma espécie que viria a evoluir para o coelho atual (Vinet & Zhedanov, 2011). Devido à capacidade de se reproduzirem facilmente em cativeiro e à sua alta taxa de prolificidade foram deixados em ilhas ao longo das rotas marítimas para servirem de fonte alimentar aos marinheiros, desde o tempo dos Fenícios até ao século XVIII (Naff & Craig, 2012). A sua domesticação completa aconteceu no século VI, por monges franceses, que os mantinham em jardins pavimentados e com

muros para evitar fugas, que dirigiram a sua evolução fenotípica em relação à cor e tamanho dos animais (Naff & Craig, 2012).

Os porquinhos-da-índia (*Cavia porcellus*) são roedores muito populares como ACEs principalmente para crianças devido ao seu tamanho pequeno, comportamento plácido, dócil e fácil manipulação (Grant, Montrose, & Wills, 2017). O seu manejo é fácil e pouco dispendioso, desde que, as necessidades fisiológicas e comportamentais do animal sejam satisfeitas (Grant et al., 2017). Estas características atraem tutores, principalmente, em zonas urbanas (Martin, 2012a). Os porquinhos-da-índia são originários da América do Sul, em especial dos Andes, onde ainda hoje existem em estado selvagem (Martin, 2012a). A domesticação ter-se-á iniciado por volta do ano de 5000 AC (Martin, 2012a). Também nesta espécie ocorreu seleção artificial em relação ao tamanho do pelo, textura, cor e características albinas, formando-se raças por volta do século XIX e XX (Martin, 2012a). As raças mais comuns hoje em dia são: Americano ou Inglês, Abissínio e Peruviano, existem ainda os Dunkin e Hartley usados em investigação (Martin, 2012a).

Em Portugal, os hamsters mais populares são os Hamsters Russos, *Phodopus sp.*, e os Hamsters Sírios, *Mesocricetus auratus* (G. D. Smith, 2012). A espécie *Mesocricetus auratus*, é originária dos arredores de Aleppo na Síria, onde, ainda existe no estado selvagem (G. D. Smith, 2012). Em 1930 investigadores da *Hebrew University*, recolheram 12 indivíduos desta espécie, tendo estabelecido uma colónia em meio laboratorial (G. D. Smith, 2012). Em 1949, vendiam-se hamsters como animais de laboratório e ACs, os chamados *Toy Bears*, (G. D. Smith, 2012). Antes de 1954 metade das publicações que envolviam Hamsters Sírios eram sobre microbiologia, parasitologia e doenças dentárias, depois de 1963 os estudos com estes animais diminuíram mas continuaram a ser muito úteis na área da fisiologia reprodutiva e estudo do cancro (G. D. Smith, 2012).

Os furões (*Mustela putorius furo*) acompanham a história do homem desde há muito tempo, mantidos em cativeiro desde cerca do ano 350 A.C., estes animais serviam o homem acompanhando-o na caça, controlando pragas e fazendo-lhe companhia (Vinet & Zhedanov, 2011). Hoje em dia, estes predadores tornaram-se mais reconhecidos unicamente como ACEs, são engraçados, de manejo simples e a seleção artificial permitiu escolher os animais com melhor temperamento (Finkelstein, 2003). No entanto, em certos locais, como no Reino Unido, continuam a desempenhar a função de auxílio na caça ao coelho (Vinet & Zhedanov, 2011).

Quanto às chinchilas, existem duas espécies de chinchilas, a *Chinchilla chinchilla*, ou chinchila de cauda curta, e *Chinchilla laniger* (ou *C. lanigera*), ou chinchila de cauda longa (Martin, 2012b). Esta última espécie é a mais conhecida no nosso país como ACE. Originários da América do Sul Ocidental, mais precisamente das Montanhas dos Andes, estão aptas a lidar com um habitat árido, rochoso e arenoso (Martin, 2012b). Os indígenas *Chincha* usavam as chinchilas para obter carne e peles o que motivou a sua exploração comercial que quase levou à extinção (Martin, 2012b). Ainda hoje, ambas as espécies do Género *Chinchilla* estão listadas na Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna e da Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção (CITES) devido ao alto perigo de extinção no meio natural (Martin, 2012b). As chinchilas tornaram-se animais de

laboratório entre 1960 e 1970, participando em estudo de natureza diversa, mas principalmente sobre o sistema auditivo, onde se tornaram modelos experimentais (Martin, 2012b).

Relativamente aos répteis, a sua popularidade como ACEs é um acontecimento recente, sendo a União Europeia e os EUA e os maiores consumidores destes ACEs (Alves & Rocha, 2018). A sua popularidade deve-se à grande variedade de espécies, o desenvolvimento de técnicas para a criação e manutenção destes animais em cativeiro, o número crescente de restrições na comercialização de outras espécies, o manejo menos intensivo comparado com o dos mamíferos e aves, e facilidade em compra, venda e troca *online* destes animais permitiu que os répteis se tornassem tão populares (Alves & Rocha, 2018). As principais espécies comercializadas são tartarugas, iguanas (*Iguana iguana*) e serpentes, como a *Python regius* (pitão real ou pitão bola), cobra do milho (*Elaphe guttata*), gecko leopardo (*Eublepharis macularius*) e dragão barbudo (*Pogona vitticeps*) (Vinet & Zhedanov, 2011).

Presume-se que em 2013, 19,4 milhões de lares nos EUA alojavam animais exóticos, no Reino Unido, no ano anterior (2012), a população de animais exóticos era cerca de 42 milhões (Kieswetter, 2017). Estima-se que nos últimos 25 anos o número de ACEs tenha aumentado (Schuppli, Fraser, & Bacon, 2014).

2 - HUMAN-ANIMAL BOND E MECANISMOS ÍNTRINSECOS

O conceito *human-animal bond* foi introduzido na literatura acadêmica em 1977 por três veterinários: Stanley Diesh, Robert Anderson e William McCulloch, em conjunto com o psiquiatra Michael McCulloch (Rujoiu & Rujoiu, 2013). A *American Veterinary Medical Association's Committe* define *human-animal bond* como uma relação mútua, benéfica e dinâmica entre humanos e animais, que é influenciada por comportamentos essenciais à saúde e bem-estar de ambos (Fine & Beck, 2010). Desta relação fazem parte as interações emocionais, psicológicas, físicas e ambientais entre as pessoas e os animais domesticados (Fine & Beck, 2010). Sife (2005) identifica três tipos de relações: a “fraca”, em que o tutor fornece ao animal apenas alimento e higiene; a “moderada”, o tutor passa tempo com o seu animal compreendendo melhor as suas necessidades no entanto, quando o animal morre o luto é curto; e a “profunda”, em que há um forte envolvimento emocional, o tutor acredita que conhece as necessidades e sentimentos do seu animal e quando este morre o luto é muito semelhante ao luto de outra pessoa (Rujoiu & Rujoiu, 2013).

Existem três teorias aceitas que explicam o *human-animal bond*, a primeira relacionada com o comportamento social dos animais; a Teoria do Apego; e por fim, a Hipótese da Biofilia (Fine & Beck, 2010). Será abordado também o desempenho da ocitocina nas interações com os ACs (Mornement, 2018).

2.1 - Princípio da Similaridade e Neotenia

A atitude e comportamento dos humanos face aos animais é algo difícil de compreender uma vez que, envolve fatores psicológicos, culturais e evolucionais (Fine & Beck, 2010). Para o humano, é mais fácil relacionar-se com espécies com uma organização social e sistema de comunicação semelhantes à sua (Fine & Beck, 2010). A neotenia trata-se da manutenção de traços juvenis mesmo na vida adulta, esta característica está relacionada com a domesticação e seleção natural que os animais sofreram ao longo dos tempos para obter gerações cada vez mais atrativas e dóceis (Mornement, 2018). Estes traços incluem, por exemplo, alterações na pigmentação cutânea, mandíbulas, dentes e orelhas (Wilkins, Wrangham, & Fitch, 2014). As células das cristas neurais (CCN) são uma classe de células estaminais que surgem precocemente na embriogénese, são precursoras de células e tecidos e ainda promovem indiretamente o desenvolvimento de outros (Wilkins et al., 2014). Existe a hipótese que a diminuição das CCN está associada ao aparecimento das características fenotípicas relacionadas com a domesticação tal como indica a Figura 2 (Wilkins et al., 2014).

As características apelativas e infantis, associadas à morfologia de alguns animais ou às suas necessidades de manejo, são fatores atrativos para os manter enquanto ACs (Mornement, 2018). Os animais filogeneticamente distantes dos humanos, como invertebrados, peixes e répteis, influenciam atitudes negativas e pouco chamativas da sua atenção (Mornement, 2018).

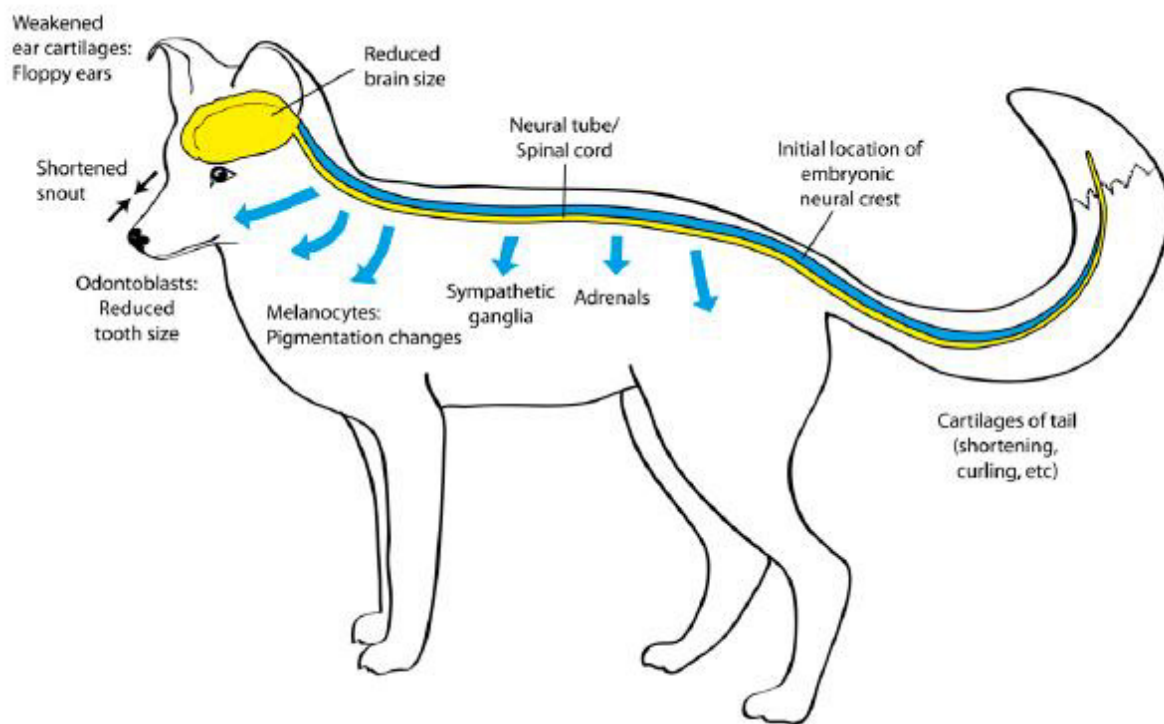


Figura 2 – Relação entre as CCN e características encontradas em animais domesticados, a linha azul indica a posição inicial destas células e as setas a sua migração. Fonte: <http://doi:10.1534/genetics.114.165423> (Wilkins et al., 2014).

2.2 - Teoria do Apego e o Fenômeno da Antropomorfização

A Teoria do Apego, desenvolvida por Bowlby em 1969, explica que o ser humano possui a função biológica de proteção e por isso mostra a necessidade de proteger e ser protegido (Fine & Beck, 2010). Este comportamento revela-se como qualquer forma de manter proximidade e prestar cuidados para com um indivíduo, humano ou não, que poderá ser dependente de si (Fine & Beck, 2010). Segundo a Teoria do Apego, a relação de uma pessoa com o seu filho e a relação da mesma com o seu AC são muito próximas, pois, em ambas existe dependência, procura de proximidade, prestação de cuidados, troca de afeto, conforto, segurança, proteção de situações perigosas e garantir a sobrevivência do outro (Mornement, 2018). Até mesmo a forma de comunicar e brincar com os ACs pode chegar a assemelhar-se com a forma de comunicar com bebês e crianças pequenas, mostrando, de novo, um ato maternal (Mornement, 2018). O AC assume um papel fundamental do equilíbrio bio-psico-social, dito doutro modo, da saúde do seu tutor com a vantagem de melhorar o desenvolvimento em cada faixa etária ou de acordo com as transições de vida (Fine & Beck, 2010). A antropomorfização consiste na atribuição de características e atributos únicos e típicos das pessoas, como pensamentos, sentimentos, qualidades e motivações, aos animais, permitindo que o ser humano os acolhesse no seu lar como companheiros que o “ama” e “admira” (Fine & Beck, 2010).

2.3 - Hipótese da Biofilia

No livro, *Biophilia: The Human Bond with Other Species*, Wilson (1984) enuncia que o humano está estruturado para prestar atenção, relacionar-se de forma emocional e criar afinidade com outras formas de vida como os animais (Mornement, 2018). Segundo Wilson, isto tem importância pois influencia a sua cognição, saúde e bem-estar (Fine, Tedeschi, & Elvove, 2015). Existem estudos que mostram que é na infância que esta tendência se torna visível e auxilia a aumentar os comportamentos sociais, mesmo em crianças com certos distúrbios como o autismo (Mornement, 2018). O porquê da existência desta propensão não é clara, contudo, existe a hipótese de que foi ela que permitiu aos humanos aumentarem as suas aptidões de sobrevivência ao longo da sua evolução através da caça e procura de alimento vegetal (Beck & Katcher, 2003).

2.4 - A Ocitocina como Hormona Reguladora de Comportamentos

A ocitocina, hormona reguladora do comportamento maternal, também está presente na formação de relações sociais, com outros humanos e com ACs, sugerindo assim que o apego humanos-animais tem semelhanças com a relação materna (Mornement, 2018). Estudos baseados na neurofisiologia demonstraram que as partes de cérebro responsáveis pela emoção, cognição social e processamento de faces era ativado quando eram mostradas aos participantes fotos dos seus filhos ou dos seus cães (Mornement, 2018). Outro estudo realizado por Odendaal e Meintjes em 2003, com 18 indivíduos e respetivos cães, mostrou que os níveis de ocitocina das pessoas aumentou para o dobro após acariciarem e falarem com os seus animais, resultados semelhantes foram observados nos animais, verificou-se também o aumento da endorfina beta e dopamina e a diminuição do cortisol (Odendaal & Meintjes, 2003).

3 - MOTIVAÇÕES PARA COABITAR COM ANIMAIS DE COMPANHIA

Os motivos para uma pessoa possuir um AC são muito variados, as motivações estão sob influência de fatores pessoais, que têm em consideração as suas capacidades cognitivas e psicológicas, a sua personalidade, o seu estilo de vida, questões financeiras, motivos de saúde, como alergias, e a suas experiências passadas, por exemplo, boas memórias ligadas a uma infância feliz com ACs (Zimolag, 2011). Possuir um AC implica ainda atributos como: responsabilidade, investimento, capacidade de comprometimento e relacionamento, empreendedorismo, moralidade e atitude (Zimolag, 2011). É ainda necessário conhecimento para fornecer o melhor alojamento, a dieta adequada, perceber sinais de desconforto ou doença e comunicá-los ao médico veterinário (Zimolag, 2011). Estes fatores, determinam a força da ligação estabelecida (Crowell-Davis, 2008). Leslie Irvine no seu livro, "*If you tame me*", apresenta três argumentos possíveis para explicar o desejo humano em ter perto de si ACs, mostrando assim diferentes visões explicativas (Irvine, 2004).

3.1 - Argumento da Deficiência

Segundo o Argumento da Deficiência os humanos têm a necessidade de se relacionarem com ACs para compensar a falta de interação com outros humanos, deste modo, as relações humanos-animais são versões substitutas, mas distorcidas, para relações entre humanos (Irvine, 2004). Este argumento indica também que as pessoas que apreciam a companhia dos animais têm *deficits* de qualidades e capacidades para apreciar a companhia de outras pessoas (Irvine, 2004). Contudo, o Argumento da Deficiência não é consensual, já que não se verificam diferenças entre os indicadores psicológicos diferenciadores entre pessoas que estimam ter a companhia de animais e humanos que não apreciam (Irvine, 2004). Aparentemente, um dos fatores que influencia um ser humano a possuir um AC na vida adulta, foi possuir animais durante a sua infância (Irvine, 2004). Se este argumento fosse válido esperar-se-ia encontrar ACs a habitar com pessoas solteiras e que vivem sozinhas (sem outro humano), no entanto, a segunda falha deste argumento está no fato de ser mais provável encontrar ACs em habitações familiares (Irvine, 2004). Em adição, a presença de animais não interfere negativamente na interação com outros humanos, pelo contrário, os animais promovem e facilitam a interação social (Irvine, 2004).

3.2 - Argumento da Abundância

O Argumento da Abundância tem em conta o estado económico da pessoa, enuncia que este possui ACs pois a sua situação financeira o permite, no entanto, declara que cuidar de um animal em vez de cuidar de outra pessoa, é um desperdício de recursos (Irvine, 2004). A ideia que este argumento transmite é que as pessoas com maior abundância monetária são aquelas que possuem animais, o que não se verifica na realidade (Irvine, 2004). O desenvolvimento da economia e o crescimento financeiro permitiu sim o aumento dos ACs, contudo, não é um fator a considerar isoladamente (Irvine, 2004). Outra ideia, é que ter ACs desvia a atenção das pessoas dos seus deveres sociais de

ajudar o próximo, contudo, pessoas que possuem ACs e os estimam, são por norma altruístas e preocupados com o bem-estar dos outros (Irvine, 2004).

3.3 - Argumento da Dominância

O Argumento da Dominância enuncia que manter ACs é uma manifestação de poder sobre a natureza, Yi-Fu Tuan, no seu livro *“Dominance and Affection: The Making of Pets”*, explica que o ser humano não aplica sua dominância sobre os animais, unicamente, através da força e crueldade, a afeição e o amor são também forma de demonstrar domínio (Irvine, 2004). A relação humanos-ACs acarreta necessariamente desigualdades de poder entre os seus elementos, sendo o animal o ser dependente e o humano aquele que possui o controlo (Irvine, 2004). Segundo este argumento as pessoas tornam-se mestres ao possuir um AC que depende de si e que lhes obedece, e quando isto não acontece, quando os animais são desobedientes, inconvenientes ou ficam muito velhos o humano pode aplicar castigos, abandoná-lo ou negligenciar o animal pois tem esse escolha (Irvine, 2004). Irvine acredita que as relações humano-animais são tão diversificadas não sendo possível atribuir o seu motivo de existir ao fator “poder” (Irvine, 2004).

3.5 - As Motivações das Pessoas para se Relacionarem com Animais de Companhia

A Hipótese da Biofilia surgiu para explicar o *human-animal bond*, assim, para além de explicar a tendência do ser humano para prestar atenção à natureza, explica também a necessidade de se relacionar com esta e consequentemente com os animais (Irvine, 2004). A Hipótese da Biofilia tem como base a genética e a cultura, a seleção natural permitiu que certos comportamentos se perpetuassem nos genes, já a cultura, permitiu que esses comportamentos se difundissem pelas populações (Irvine, 2004). Segundo esta hipótese, a atração pela natureza é inata e revela-se cedo em crianças pequenas, contudo, parece que nem todos as pessoas demonstram a tendência para apreciar a natureza e os animais (Irvine, 2004). Esta hipótese não é totalmente explicativa da vontade de uma pessoa estabelecer uma relação com a natureza, já que são muitos os exemplos de destruição ambiental (Irvine, 2004). Os humanos possuem uma base genética que os predispõem a ter interesse pela natureza, mas a expressão desses genes depende do contexto em que o indivíduo vive, fazendo com que este interprete esse potencial de formas variadas, surgem assim as diferentes relações entre humanos, natureza e animais, (Irvine, 2004).

Hirschman, num estudo apresentado no *Journal of Consumer Research*, mostra também um conjunto de motivos para uma pessoa possuir um AC, estes motivos são agrupados em seis categorias (Tabela 1) (Crowell-Davis, 2008). A posse de ACs é motivada pelas atitudes que as pessoas têm perante os animais, ou seja, pela forma como os veem e interpretam os papéis que têm na sua vida (Crowell-Davis, 2008). Relacionar-se com um AC permite à pessoa ter determinadas experiências, entre elas: a apreciação da natureza; inspiração para aprender através da observação do seu animal adquirindo conhecimentos sobre o seu comportamento e ambiente; permissão para ser infantil e divertido; desenvolver atos altruístas; vivenciar atos de companheirismo, carinho, conforto e calma; educar como um pai; e fortalecer ligações com outras pessoas (Crowell-Davis, 2008). Uma

relação humano-AC pode incluir apenas uma destas experiências, um conjunto delas ou até mesmo todas (Crowell-Davis, 2008). Ter um AC permite ainda adquirir e expressar uma identidade pessoal e social (Zimolag, 2011).

Tabela 1 - Agrupamento de tutores em categorias segundo a sua motivação para possuir um AC e respetivas atitudes perante este (Crowell-Davis, 2008).

Categoria	Motivação para ter um AC	Atitude do tutor perante o AC
1	O AC é como um ser humano.	Veem o animal como um companheiro ou familiar, têm sentimentos de afeto, amor, respeito, e preocupação com a sua saúde e bem-estar, procuram ajuda especializada.
2	O AC é um utensílio, por exemplo, para caça ou transporte.	As expetativas da relação baseiam-se no desempenho de funções atribuídas ao AC, quando este não o faz corretamente deixa de ter utilidade para o dono.
3	O AC é uma propriedade, pode ser exibida, comprada e vendida.	Os AC são veículos para exibir poder e riqueza, são normalmente animais de raça apurada ou ACEs.
4	O AC é um símbolo de estatuto.	
5	O AC é um ornamento com valor estético.	
6	O AC é um objeto no seu ambiente e ao mesmo tempo uma extensão do tutor.	O AC é uma versão de si mesmo, mas com liberdades que ele não possui, nega ações que não permitiria que lhe fizessem a si mesmo.

3.6 - Motivações para Coabitar com um Animal de Companhia Exótico

Os ACEs e espécies pouco conhecidas estão a aumentar a sua popularidade e variedade, principalmente em países desenvolvidos, em especial nos últimos cem anos (Kieswetter, 2017). Para além dos ACs convencionais, os coelhos, os porquinhos-da-índia, os hamsters e as aves são os animais mais comuns mantidos como ACs em todo o mundo (Alves & Rocha, 2018).

As pessoas que possuem ACs partilham características semelhantes entre si, independentemente da espécie que escolheram adquirir, conseqüentemente, partilham também afinidade entre si enquanto tutores (Kieswetter, 2017). As motivações que levam uma pessoa a adotar um animal deste género

são as mesmas que o levam a adotar um animal mais convencional, ou seja, o desejo de proximidade com um ser que fornece afeto e ao mesmo tempo permite contactar com a natureza, não esquecendo que estes animais têm também as suas funções utilitárias (Lawton, 2000). Os ACEs são capazes de fomentar nos seus tutores o mesmo nível de afeto e devoção tal como os ditos ACs convencionais, sendo um fator adjuvante que motiva os humanos a adotar estes animais (Finkelstein, 2003). Nomeadamente, algumas espécies de aves e répteis tem uma esperança média de vida muito longa, permitindo o desenvolvimento de relações mais duradouras do que as dos ACs convencionais (Lawton, 2000). As particularidades destes animais incentivam ainda preocupações animais e ambientais no geral como a sua conservação em estado selvagem (Kieswetter, 2017).

Num estudo que relaciona a perceção do tutor relativamente ao comportamento estereotipado dos ACEs mamíferos e os seus níveis de satisfação perante a espécie que escolheu, revela que, em termos gerais, apesar da alta prevalência de problemas comportamentais, os tutores apresentam altos níveis de satisfação em relação aos seus animais (Normando & Gelli, 2011).

Médicos veterinários poderão servir-se de estudos semelhantes para melhorar o bem-estar destes animais em ambiente doméstico e melhorar a relação tutor-animal (Normando & Gelli, 2011).

4 - FATORES RELACIONADOS COM A ESCOLHA DO ANIMAL DE COMPANHIA

O ato de escolher, adquirir e manter um AC é influenciado por vários fatores (Alves & Rocha, 2018). A espécie do animal e as suas características intrínsecas influenciam a eleição, nomeadamente a aparência atrativa, o comportamento, a percepção da sua inteligência, as suas utilidades, as habilidades, ou a sua raridade (Alves & Rocha, 2018). Quanto à pessoa, é influenciada por fatores socioculturais, religiosos, habitacionais, disponibilidade económica e de tempo e o contexto urbano/rural. Outros fatores importantes na seleção do AC a introduzir no ambiente doméstico, passam pelo conhecimento e fascínio pela espécie, pelos benefícios que a relação pode trazer à pessoa e também pela inspiração artística envolvente (Alves & Rocha, 2018). O fenómeno crescente da coabitação humanos-ACEs levanta muito interesse e, para além dos fatores influenciadores que serão abordados, pode estar também assente numa moda contemporânea, no atual fenómeno de consumismo ou no instinto das pessoas se aproximarem da natureza (Moutou & Pastoret, 2010).

4.1 - Fatores Relacionados com o Tutor

A classificação de ACE, como já referido, inclui um vasto número de espécies, cada uma tem características associadas, assim como benefícios, desvantagens e expectativas dos tutores para os animais e a relação com eles (Hergovich, Mauerer, & Riemer, 2011). É de questionar que talvez exista um perfil de tutor ideal para cada grupo animal, com determinadas características psicológicas, emocionais e sociais, das quais está ciente e que o fazem preferir e adaptar-se a possuir determinada espécie animal (Hergovich et al., 2011). Estudos realizados por Kidd e Kidd, com tutores de aves, peixes e répteis (tartarugas e cobras) em que estes tinham que descrever os tutores ideais para os animais que possuíam, revelou que os tutores de aves descreviam-se como mais educados, expressivos, amigáveis, serenos e carinhosos, os tutores de peixes abordaram características como ser curioso e capacidade de compromisso, os tutores de tartarugas disseram mais confiáveis, racionais e com objetivos bem orientados, por fim, os tutores de cobras à semelhança dos seus animais, viam-se como pessoas mais relaxadas, não convencionais e imprevisíveis (Hergovich et al., 2011). Um estudo, com recolha de informação por inquérito, teve como objetivos comparar a personalidade de indivíduos reunidos em grupos: tutores de ACs convencionais, tutores de ACEs de “sangue frio” (peixes, répteis, aranhas e insetos), tutores de ACEs de “sangue quente” (pequenos mamíferos e aves) e pessoas sem ACs, e ainda comparar a personalidade dos tutores das diferentes espécies (Hergovich et al., 2011). Os resultados revelaram que mulheres que possuíam ACEs de “sangue frio” eram mais inquisitivas, intelectuais, visionárias, artísticas, e dispostas a novas experiências, isto, quando comparadas com as mulheres tutoras de ACs convencionais e exóticos de “sangue quente”, que revelaram ter atitudes mais conservadoras (Hergovich et al., 2011). Esta constatação não se aplicou quando se comparou os homens dos mesmos grupos (Hergovich et al., 2011). Relativamente à agradabilidade, os homens tutores de ACs convencionais mostraram mais comportamentos altruístas, compreensivos e flexíveis que a população de referência e os homens tutores de ACEs de “sangue frio”, que por sua vez, mostraram comportamentos egocêntricos,

competitivos e desconfiados (Hergovich et al., 2011). Nas mulheres, este contraste não foi observado (Hergovich et al., 2011). Este estudo mostrou existir alguma relação entre possuir um AC e a personalidade do tutor (Hergovich et al., 2011).

Outra investigação, realizada por Klaphake e Smith, teve como objetivo avaliar informações demográficas, características pessoais e tendências de procura de serviços veterinários por parte de tutores de ACEs frequentadores do único hospital de ACEs do Utah, EUA (Klaphake & Smith, 2006). Foi colocada a hipótese que em média os tutores de ACEs apresentam duas características primárias de personalidade: auto-monitorização (*self-monitoring*) e orientação interpessoal (*interpersonal orientation*) (Klaphake & Smith, 2006). A primeira refere-se à sensibilidade individual para examinar uma situação e determinar o comportamento mais adequado a tomar (Klaphake & Smith, 2006). A interpessoal relaciona-se com a importância que um indivíduo dá às suas relações com os outros e aos comportamentos que está disposto a ter para as manter (Klaphake & Smith, 2006).

Os resultados obtidos demonstraram que o apego pelos animais era mais elevado nas mulheres que nos homens, em solteiros que em adultos a viver com a família, em moradores urbanos que rurais e em pessoas divorciadas em oposição a pessoas casadas (Klaphake & Smith, 2006). Quanto às características pessoais, em média o típico tutor de ACEs apresenta baixos valores de auto-monitorização, neste estudo isso traduz-se em pessoas que unem esforços com o médico veterinário para providenciar o melhor tratamento e seguem as indicações dadas (Klaphake & Smith, 2006). Tutores com valores de auto-monitorização elevados são pessoas com quem o médico veterinário teria de ser mais persuasivo para que seguissem as suas instruções (Klaphake & Smith, 2006). Tutores de ACEs apresentam também valores de orientação interpessoal moderadamente altos, valores assim estão associados a altos níveis de agradabilidade e dominância, mas neste estudo indica que os tutores de ACEs são pessoas atentas aos seus animais e capazes de prestar bons cuidados após aprenderem o que for necessário para resolver um problema em causa, isto, quando comparados com indivíduos que necessitam de ser convencidos pelo veterinário do propósito dos procedimentos e só então são capazes de os executar (Klaphake & Smith, 2006). Ainda sobre esta característica pessoal, existe a possibilidade de as pessoas adquirirem os ACEs que melhor correspondem aos seus objetivos interpessoais, uma vez que projetam neles expectativas semelhantes a relações com outras pessoas (Klaphake & Smith, 2006). Se o animal responder aos objetivos esperados é mais provável que o tutor esteja mais atento a ele e preste melhores cuidados de saúde (Klaphake & Smith, 2006).

Concluindo, a maioria dos participantes considera o seu ACE um membro importante da sua família, e desta forma estão dispostos a procurar e adquirir serviços para promover o seu bem-estar e saúde e, em certos casos, salvar-lhe a vida (Klaphake & Smith, 2006). Esta tendência é mais notória em tutores de mamíferos, que gastam a quantia necessária com os seus animais (Klaphake & Smith, 2006). Foi dado a entender também que a área de medicina veterinária de ACEs é rentável para o hospital que a pratica e melhora a relação tutor-animal, por isso deve-se investir na aquisição de conhecimentos, na prática e na quantidade e qualidade de serviços prestados (Klaphake & Smith, 2006).

O comportamento de colecionador é uma atitude que não se baseia na aquisição de animais para companhia, indivíduos têm antes a propensão de adquirir animais de modo a completarem uma coleção com uma determinada categoria, transgredindo, por vezes, leis para obter exemplares (Moutou & Pastoret, 2010).

Relativamente ao meio envolvente, este também influencia o tutor. A cultura é um processo de partilha de conhecimentos, normas e crenças e cria consistência nos humanos que a partilham (Kieswetter, 2017). O meio cultural e social onde a pessoa está inserida e o seu perfil pessoal fá-la escolher um AC baseada em conceitos preformados e por si aceites (Alves & Rocha, 2018). O folclore, os contos e as fábulas, atribuem consciência e características antropomórficas aos animais fazendo deles heróis ou vilões, símbolos e representações com correspondentes no mundo real, induzindo certas crenças e opiniões às pessoas desde crianças (Howell & Advisor, 2015). A cultura de um país pode fazer com que determinada espécie seja adorada, mas noutro local, a mesma seja desprezada, ou ainda, é de prever que a cultura determine a utilidade dos animais (Alves & Rocha, 2018). Os coelhos, por exemplo, na Europa e nos EUA, servem a indústria alimentar e de peles, para fins laboratoriais e como companhia, contudo, no Japão são muito populares como AC e não são incluídos na gastronomia do país (Alves & Rocha, 2018).

A religião e as suas práticas também fazem com que a pessoa seja influenciada a assumir uma determinada atitude perante os animais e, conseqüentemente, a assumir ou rejeitar certas espécies como AC (Alves & Rocha, 2018). Isto porque a religião fornece uma orientação teológica, mas também um código moral que influencia o pensamento, comportamento e ações (Jegatheesan, 2015). Encontramos exemplos nas religiões como o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, que consideram o ser humano, um ser superior a todos os animais e estes existem para seu benefício (Jegatheesan, 2015). O Antigo Testamento serve-se do *human-animal bond* como metáfora em muitas passagens, pequenos animais como piolhos, mosquitos, vermes e ratos, por exemplo, são quase sistematicamente usados como referência a pragas e infestações, dando uma visão negativa destes animais, já outros, como leões, camelos e touros, são usados para referir riqueza, poder e habilidades militares (Rimbach & Carter, 1982). Pode-se também encontrar passagens que frequentemente comparam os humanos e suas ações com os animais, manifestando que os primeiros deviam de aprender com a observação do comportamento dos segundos (Rimbach & Carter, 1982). Relativamente a ACs, é dada pouca expressão a este tema (Rimbach & Carter, 1982). Na religião islâmica, existem passagens que consideram todos os animais como criaturas de Alá, no entanto, o consumo de carne de suíno é pecado e por vezes os cães são considerados seres impuros, que muitos muçulmanos evitam (Jegatheesan, 2015). As civilizações de Leste contribuíram para elevar o estatuto dos animais na sociedade, religiões como Hinduísmo, Budismo e Jainismo acreditam que a Terra foi criada para todos, humanos e animais, praticam o vegetarianismo e a não violência para com todos os seres, acreditam na preservação e reencarnação da alma e que todos os animais estão incluídos no mesmo ciclo kármico (Jegatheesan, 2015).

O facto da pessoa habitar no meio rural ou urbano determina se terá ou não ACs e quais as espécies (Alves & Rocha, 2018). Com o desenvolvimento da densidade urbana os critérios que levam à

escolha de uma espécie como AC estão em mudança verificando-se o aumento de aquisições de ACEs devido às suas características e manejo (Mornement, 2018). Dados de 2014, mostram que no Reino Unido o número de tutores a deterem cães e gatos como ACs diminui, enquanto o número de tutores de ACEs cresceu (Cooper, 2014). Dos tutores de ACEs, a maioria habita em apartamentos onde os ACs convencionais não são permitidos (Cooper, 2014).

É necessário tempo e dedicação da pessoa para cuidar e assumir um compromisso com o seu AC, é ainda necessária disponibilidade financeira pois existem custos associados à aquisição do animal e à sua manutenção (Alves & Rocha, 2018). A pessoa tem a responsabilidade de discernir se possui recursos monetários para suportar a espécie escolhida e tempo para lhe dedicar (Alves & Rocha, 2018).

O interesse em ACEs pode ser despoletado por fenómenos sociais e tendências, pelos meios de comunicação e obras artísticas, levando as pessoas a criar empatia e fascínio por uma determinada espécie e ter o desejo de adquiri-la (Moutou & Pastoret, 2010). Programas televisivos sobre a natureza permitem o acesso à visualização de animais selvagens de variadas espécies, contudo estes programas estão direcionados para contarem uma história e a promoverem sentimentos para com as personagens, assim a atribuição de sentimentos e emoções humanas aos animais que aparecem (principalmente em plano aproximado), pode conduzir à criação de uma falsa intimidade (Bousé, 2003). Existe também o risco da aquisição de conhecimentos errados sobre a vida selvagem devido a conclusões retiradas da visualização de curtos períodos da realidade, e comportamentos de risco na presença destes animais (Bousé, 2003). Estudos mostram que tutores de ACEs normalmente são pessoas com um forte interesse na vida selvagem, são apreciadores de programas sobre a natureza, procuram participar em iniciativas de conservação ambiental, o que mostra que possuir ACEs despoleta um interesse educativo (Kieswetter, 2017) e revelam uma combinação de três características: “desejo de diferenciação”, “proteção de espécies” e “domar o selvagem” (S. L. Smith, 2008).

Na cinematografia, à semelhança do que acontece quando filmes com raças caninas específicas são exibidos e fazem aumentar a sua fama, com o lançamento dos filmes “*Harry Potter*”, “*À procura de Nemo*” e “*Rio*”, a popularidade de corujas, peixes-palhaço (*Amphiprion ocellaris*) e araras-azuis (*Anodorhynchus hyacinthinus*) como ACs aumentou (Alves & Rocha, 2018). Personagens de desenhos animados influenciam pais e crianças na escolha de um AC, em 2009, o filme “*A Princesa e o Sapo*” fez aumentar a popularidade dos anfíbios, nesse ano, ocorreram casos de salmonelose devido ao manuseamento descuidado destes animais como ACs (K. M. Smith, Smith, & D’Auria, 2012).

4.2 - Fatores Relacionados com o Animal

Para além das características associados ao animal, existem ainda outras situações a ter em conta. Por vezes, as pessoas compram produtos devido ao seu valor simbólico e não pela utilidade (Cekavicius, Pajarskaite, & Sable, 2012). O valor simbólico atribuído aos produtos fornece ao seu dono: individualidade, autonomia ou distinção social e afiliação ou identificação social, todas estas

necessidades sociais contribuem para o aumento da autoestima (Cekavicius et al., 2012). Adquirir ACs, principalmente incomuns ou raros, pode tratar-se de satisfazer uma necessidade enquanto consumidor (Cekavicius et al., 2012). Para alguns tutores, estes animais passam por itens de luxo que demonstram poder económico e conexão a uma classe social elevada, distinguindo-os das massas (Cekavicius et al., 2012). Celebridades de vários meios possuem também ACEs, exibindo os seus animais extravagantes como ornamentos para que possam demonstrar a sua riqueza e estatuto (Morgan, 2015). Como seria esperado, estas celebridades exercem influência sobre fãs que os tentam imitar adquirindo também ACEs pelos mesmos motivos (Morgan, 2015).

Jardins zoológicos, lojas de animais e exposições também influenciam pessoas a adquirir ACEs, mostrando uma falsa proximidades entre humanos-animais exóticos e compelindo-as a perceber que são ótimos ACs (Kieswetter, 2017). A obtenção de ACEs por vezes é facilitada, por exemplo, devido a lojas que oferecem os próprios animais na compra das gaiolas ou aquários, mas também devido à *Internet* (Gibbens, 2013). O comércio de ocasião trata-se da compra de animais devido a um comportamento impulsivo, como no caso da compra de animais nativas como lembrança de uma viagem (Moutou & Pastoret, 2010). Não ocorrendo seleção das pessoas que pretendem adquirir os animais, estes podem ser comprados por qualquer um, tendo ou não capacidade para cuidar deles, agindo através de ações refletidas ou impulsos (Gibbens, 2013).

5 - EFEITOS DA COABITAÇÃO HUMANOS-ANIMAIS

5.1 - Vantagens para os Seres Humanos

Para as pessoas, as vantagens em possuir um AC podem ser observadas a nível individual e coletivo (Mornement, 2018). Possuir um AC pode ser vantajoso para a saúde, pesquisas utilizando tutores e respetivos cães demonstraram que estas pessoas podiam beneficiar de vantagens fisiológicas como a diminuição dos níveis de *stress* e da pressão arterial, tornando-os menos propensos a desenvolver problemas cardíacos e dificuldades em dormir (Mornement, 2018). Os ACEs também podem ter efeitos terapêuticos e calmante, sendo por vezes usados em locais associados a experiências stressantes, por exemplo, através da colocação de aquários com peixes tropicais e coloridos em salas de espera (Lawton, 2000). A obesidade, a diabetes, a hipertensão e a hipercolesterolemia podem ser combatidas com o auxílio da interação com ACs, por exemplo, com a prática de sair casa para passear o animal (Mornement, 2018). Ser tutor de um animal também está associado a visitas mais regulares a um médico, promovendo mais uma vez assim a sua saúde e bem-estar (Geller, 2003).

Além disto, investigações ao longo do tempo, demonstram que as relações tutor-ACs fornecem à pessoa, adulta ou criança, uma relação de amizade, companheirismo, afeto, prazer, proteção, conforto e suporte, tendo assim efeitos positivos na saúde mental (Mornement, 2018). O aumento da autoestima, diminuição da solidão e da depressão, o efeito calmante, o desenvolvimento de comportamentos altruístas, interesse em planear o futuro e satisfação perante a vida são consequências positivas na vida de um tutor de um AC (Mornement, 2018). A maioria destas pessoas, possuem capacidades de interação social, esta pode ser ainda ampliada através da redução de ansiedade dada pelo contato físico com o animal, promovendo assim a autoconfiança e facilidade em dialogar (Godfrey, 2011). Quanto a isto, os animais em questão também podem auxiliar na interação, características atrativas e associadas à infantilidade, promovem a interação entre dois indivíduos (Fine & Beck, 2010).

Para as crianças, em muitas culturas os animais têm também um papel educacional, os ACs podem auxilia-las a aprender o que é a responsabilidade, compaixão, empatia, aprender lições de vida e morte (Mornement, 2018).

A nível económico, a relação humanos-animais faz com que haja movimentações monetárias desde a aquisição do animal, alimento e produtos para este e ainda através da utilização de serviços como são exemplo os médico-veterinários (Mornement, 2018).

5.2 - Vantagens para o Animal de Companhia

Do ponto de vista do animal, e de forma empírica, ser AC pode significar ter acesso a alimento e água de boa qualidade, abrigo, segurança, cuidados veterinários e promoção de uma vida o mais longa e saudável possível (Mornement, 2018). Dependendo do tipo de interação tutor-animal, o animal também pode usufruir da vantagem de ser acarinhado, o que pode ter repercussões na diminuição da sua pressão arterial e frequência cardíaca e ter efeito calmante (Mornement, 2018).

5.3 - Desvantagens para os Seres Humanos

Agressões por parte de ACs são desvantagens físicas, as mordeduras ou arranhões causam ferimentos e por vezes, podem resultar na morte, causam infeções, instalam o medo num indivíduo ou comunidade, originando assim desvantagens psicológicas como o sentimento de insegurança e fobias (Mornement, 2018). As zoonoses representam outro risco da coabitação humanos-animais, são transmitidas por contato, aerossóis, agressões, contaminação do ambiente, comida ou água, e através de vetores (Alves & Rocha, 2018). Três quartos das doenças infecciosas emergentes, como a Síndrome Respiratória Aguda, vírus do HIV, influenza H5N1 e o Nipah vírus, são zoonoses originárias na natureza e que podem ser dispersadas pelo mundo através da movimentação comercial dos animais (Morgan, 2015). Pequenos roedores e aves mantidos em proximidade, habitando em quartos e cozinhas, permitem uma exposição crónica a fluídos corporais, fezes, urina, pelos e penas que podem induzir reações alérgicas e outras doenças (K. M. Smith, Smith, & D'Auria, 2012). Além disto, muitos tutores não estão devidamente informados sobre as patologias o que dificulta a prevenção e tratamento, do animal, particularmente dos ACEs, e dos tutores (Alves & Rocha, 2018).

Relações humanos-ACs particularmente fortes podem não ser aceites socioculturalmente e ter consequências negativas, como no caso de pessoas que negam cuidados médicos e hospitalização com receio que os seus animais fiquem ao abandono (Mornement, 2018). Relações fortes podem ainda desencadear a desintegração de uma unidade familiar tradicional, o isolamento social e diminuição da noção de comunidade (Zimolag, 2011). Dependendo do tipo e importância da relação tutor-animal, a morte deste último pode causar um efeito semelhante à morte de uma pessoa de grande proximidade, provocando depressão e alterações da vida do tutor (Mornement, 2018).

5.4 - Desvantagens para o Animal de Companhia

Quanto às desvantagens para o animal, Stephen Kellert descobriu a discrepância que existe entre o valor emocional dos ACEs para o seu tutor e o conhecimento deste quanto às suas necessidades na natureza (Kieswetter, 2017). Em relação ao bem-estar dos animais, este é muito complexo e no caso de animais individuais dentro de uma casa deve-se ter em consideração a sua saúde, o bem-estar psicológico e a possibilidade de expressar o seu comportamento natural (Schuppli et al., 2014). Os tutores de ACEs devem conhecer as suas necessidades nutricionais e perceber que estas devem ser o mais semelhante possível com o que os animais encontrariam no seu habitat natural (Schuppli et al., 2014). Os ACEs mantêm o seu comportamento selvagem por mais tempo do que os ACs convencionais mais adaptados à coabitação com pessoas (Grant et al., 2017). As necessidades psicológicas e comportamentais devem ser atendidas, um ambiente livre de fatores de *stress* que permite ao animal expressar o seu comportamento natural, como fazer exercício ou estimulação psicológica e social, promovem o bem-estar (Schuppli et al., 2014). Um dos desafios em manter ACEs, consiste no fato destes muitas vezes pertencerem a espécie com propensão a camuflar sinais de doença (Finkelstein, 2003). Pode acontecer o tutor não estar sensibilizado para reconhecer comportamentos e sinais como manifestações patológicas, ou pode até aperceber-se mas não ter conhecimento de médicos veterinários especializados, e pode ainda acontecer existir pouca

informação sobre a patologia (Schuppli et al., 2014). Alguns tutores de ACEs muitas vezes também não estão preparados para fornecer e suportar os cuidados especializados que estes animais exigem (K. M. Smith et al., 2012).

Os ACEs podem não corresponder às expectativas dos seus tutores em relação às suas alterações físicas, por exemplo, quanto ao tamanho que podem atingir, a longa esperança média de vida de muitos destes animais, em alguns casos, resulta na perda de interesse ou capacidade do tutor para cuidar do animal, a transição de tutor ou a libertação na natureza (Schuppli et al., 2014). Outro fator para a perda de interesse são os comportamentos que induzem pouco companheirismo, como animais solitários, noturnos, pouco ativos ou muito ruidosos (Schuppli et al., 2014).

Do ponto de vista ecológico e ambiental, a captura de espécimes selvagens para introduzir no mercado dos ACs, por um lado faz com que as populações diminuam e fiquem em risco de extinção, por outro, há o perigo das espécies exóticas serem introduzidas, acidentalmente ou intencionalmente, num ecossistema, tornando-se invasoras e/ou transmitirem agentes patogénicos às espécies autóctones (Moutou & Pastoret, 2010). Quanto à questão do bem-estar animal, os indivíduos capturados na natureza correm o risco de se ferirem, adoecerem ou até mesmo morrerem durante o processo de comercialização, e mesmo chegando ao seu destino final e encontrando um tutor não é garantido que este fornecerá o maneio mais apropriado (Alves & Rocha, 2018).

6 - DISCUSSÃO

O aumento do número dos ACEs faz com se questione qual a razão da recente popularidade enquanto ACs. Os motivos que levam um tutor a adquirir um destes animais são semelhantes aos motivos que levam outros tutores a possuir AC convencionais. A coabitação com um animal é fomentada pela necessidade de proximidade com outro ser que forneça companhia, afeto e entretenimento, que permita ao humano sentir uma ligação com a natureza e que para além disto possa, ou não, ter outras funções utilitárias, tratando-se de um AC convencional ou de um ACEs. Os ACEs têm a mesma capacidade dos ACs convencionais em estimular sentimentos de afeto e devoção nos seus tutores, e estes, estão na maioria, disposto a despende recursos materiais, tempo e energia para cuidar deles. A ligação que se estabelece entre tutores e ACEs, é tão, ou mais, desenvolvida quanto as ligações que se formam entre tutores e ACs convencionais. Por vezes, no caso dos ACEs o fator tempo ainda auxilia, espécies com uma longa esperança média de vida são capazes de acompanhar o tutor por toda a sua vida, ou grande parte dela, e por vezes fazer a passagem entre gerações.

Sendo as motivações para possuir um ACEs pouco diferenciadas, é necessário avaliar os fatores associados à espécie animal, ao tutor e ao meio envolvente para perceber o porquê da escolha de um ACEs. Relativamente à espécie, os fatores que se devem considerar são: o aspeto físico do animal, o seu comportamento e necessidades, as suas utilidades e habilidades e ainda a sua raridade e valores estético e monetário. Quanto ao tutor, a sua escolha pode ser influenciada pela cultura e meio social onde está inserido, a religião, a disponibilidade de tempo para se dedicar a um animal, os recursos monetários que possui para adquiri-lo e mantê-lo, o local onde habita que inclui o espaço que possui para alojar outro ser vivo e as permissões/proibições que lhes são impostas.

A personalidade do tutor também pode ser vista como um determinante, existem estudos onde foi possível encontrar diferenciações entre traços da personalidade e as espécies que eram selecionadas para ACs, assim como a atitude do tutor para com o seu animal. Contudo, seria vantajosa a elaboração de mais estudos sobre este assunto. Os tutores de ACEs demonstram no geral fascínio pela espécie que possuem, tornando o seu gosto pessoal num fator influenciador das suas escolhas. Alguns destes tutores são apreciadores de programas sobre vida selvagem e estabelecem ligações emocionais com os animais no ecrã, são também pessoas que se preocupam com questões de bem-estar e conservação da natureza. Os tutores tendem ainda a adquirir animais semelhantes aos que lhes provocam emoções e os animais que possuem servem como “embaixadores” para causas ambientais e outros animais. Pode ainda acontecer, uma pessoa adquirir animais devido a um comportamento de colecionador, neste caso a relação não se baseia na partilha de companhia está antes assente na formação de uma “coleção”.

Existem ainda fatores influenciadores externos, os meios de comunicação que transmitem informações, umas mais confiáveis que outras, e as redes sociais que, à semelhança das manifestações de arte influenciam as tendências contemporâneas. Adquirir espécies com base em conhecimentos, muitas vezes, pouco fundamentados resulta destas influências. As redes sociais

podem ser formas de demonstrar estatuto e onde os animais podem servir de símbolos exibidos para mostrar poder, riqueza e diferenciação, provocando no outro sentimentos como o desejo de posse e experiências semelhantes. Outros fatores externos que atuam no tutor, são as exposições de animais exóticos em jardins zoológicos, lojas, feiras e exposições que transmitem a ideia de proximidade com estes animais, se associarmos a isto a facilidade em adquiri-los e ao comércio de ocasião, entende-se que muitas vezes os tutores são iludidos a adquirir animais sem terem conhecimentos necessários para a sua manutenção e bem-estar.

Adquirir um ACEs, tal como outro AC, é uma decisão que deve ser ponderada pois trará vantagens e desvantagens para o tutor e animal, para além de ter custos associados, tempo e emoções envolvidos. A medicina veterinária também terá que se desenvolver na área dos ACEs e selvagens, de modo a acompanhar e dar resposta aos tutores que procuram animais alternativos.

AGRADECIMENTOS

Tentar colocar por palavras toda a gratidão que sinto ao concluir esta etapa da minha vida é uma tarefa impossível. Como em tudo darei o meu melhor para o conseguir, no entanto, esta ficará muito aquém da realidade. Em primeiro lugar, e não podia ser de outra forma, tenho que agradecer aos meus pais que durante toda a minha vida sempre me deram todo o carinho e apoio, todas as palavras de conforto e toda a força, toda a coragem e motivação para seguir o meu sonho. Foram eles que desde sempre se sacrificaram para que aquela menina pequenina e “pestinha” (como diria o meu pai!) se torna hoje Médica Veterinária. Foram eles que desde sempre fizeram todos os sacrifícios para que eu tivesse tudo o que queria mas que também me ensinaram que nem sempre vou ter tudo o que quero, foram eles que suportaram todas as birras, todas as zangas, todos os choros, todos os animais que levei para casa sem autorização, mas também foram eles que sempre estiveram comigo nas etapas mais felizes, e mais, fizeram com que elas fossem possíveis. Por isso, aos meus pais agradeço com todo o meu coração!

Não teria sido capaz de suportar todos estes anos sem os meus amigos ao meu lado, esses seres humanos incríveis, mas por vezes também chatos e irritantes, que escolhi para meus irmãos de coração. Com o tempo muita coisa muda, muitas das pessoas com quem comecei esta caminhada já não estão mais comigo para verem e celebrarem esta conquista, “Coisas da vida!” como é costume dizer. Aos que permaneceram só tenho a dizer: “Obrigada por me aturarem malta!”, obrigada Mariana Canha e Marta Monteiro por serem as minhas verdadeiras “companheiras de armas”, as “foquinhas” que me acompanharam por todo o percurso académico, sempre entre o desespero do estudo e os momentos de descontração em que podíamos ser nós mesmas e partilhar a nossa semelhante insanidade. Obrigada Alessia Teixeira, Marina Barros, António Ferreira, Zé Santos, Joana Santos, António Tavares e Bruno Fernandes, vocês que são as minhas amigas mais antigas e verdadeiras e que tenho a certeza que irá ser sempre assim. Vocês que sempre me estiveram presentes para mim, muitas vezes à distância e apesar de nem sempre conseguir estar convosco tantas vezes como queria, vocês que sempre foram o meu escape para esta vida atarefada e cheia de responsabilidades, vocês que sem dúvida fazem a minha vida mais feliz! Não podia deixar de reconhecer a importância da Ana Isabel Ribeiro e da Mariana Sofia, que embora tenham entrado na minha vida mais recentemente, sem dúvida serão duas mulheres que vou levar comigo para sempre! Elas que em pouco tempo se tornaram nas amigas mais importantes que tenho, com elas as duas sei que não há espaço para a tristeza, mas se esta for inevitável elas serão das primeiras a amparem-me.

Seria impossível escrever este agradecimento e deixar de parte o meu namorado e melhor amigo Bruno Carvalho. Ele que vindo do nada e de repente se tornou num dos meus pilares, que com todo o amor, carinho, paciência e dedicação sempre me motivou a dar o melhor de mim, não porque seria de esperar que fizesse isso mesmo, mas porque realmente sei que acredita em mim. Ele que suportou todos os meus momentos de tristeza, todas as crises de *stress*, de desilusão e de saudade

sem esmorecer nem fazer cobranças. Ele que sempre foi uma fonte de força, companheirismo, alegria, brincadeiras e risos que tornaram os meus dias melhores e a minha vida mais completa.

À Escola Universitária Vasco da Gama estou grata por me ter acolhido na sua grande família desde de 2013, quando ingressei como caloiira, e a todos os professores desta casa que me acompanharam ao longo do percurso académico agradeço os conhecimentos que me transmitiram, não só através das lições académicas mas também através das lições de vida. A todos os locais de estágio intercalares (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Hospital Veterinário de Trás-os-Montes, Clínica RéguaVet e Clínica Veterinária Exóticos em Braga) e a todas as equipas de trabalho que conheci agradeço terem-me recebido e transmitido o que de melhor há na medicina veterinária.

Ao Centro Veterinário de Exóticos do Porto, que foi a minha “segunda casa” entre setembro e fevereiro, ao Dr. Joel Ferraz e a todo o corpo clínico um enorme obrigada! Obrigada por me terem acolhido e com o passar do tempo me fazerem sentir à vontade e me fazerem sentir parte da equipa, obrigada por terem sido os meus mentores e amigos. E obrigada sobretudo por fazerem crescer a minha paixão por animais exóticos!

Quase a terminar, devo um especial agradecimento aos meus orientadores Dra. Ana Calado e Dr. Joel Ferraz e coorientador Dr. Hélder Craveiro, por me acompanharem ao longo destes longos meses de trabalho e por me ajudarem em tudo o que foi necessário e da melhor forma possível.

Por fim, *Lola Maria*, *Lullu*, *Teemo* e *Twitch*, desculpem ser uma dona/mamã chata que só quer dar puxões de bochechas e mimo, mas é inevitável devido à vossa fofice de coelhos e porquinhos-da-índia!

Antes deles existiram outros, outros pequenos seres fantásticos, considerados exóticos aos olhos da atual classificação, com quem convivi e partilhei a minha vida, todos me marcaram de diferentes formas e por diversos motivos, ainda não tinha percebido eu nessa altura que o meu caminho já se estava a orientar para aquela que acredito ser a minha verdadeira vocação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, R. R. N., & Rocha, L. A. (2018). Fauna at Home: Animals as Pets. In *Ethnozoology Animals in our Lives* (pp. 303–321). <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-809913-1.00016-8>
- Assembleia da República. *Decreto-Lei 69/2014, de 29 de agosto.* , (2014).
- Avanzino, R. (n.d.). *Changing attitudes toward companion animals*. Retrieved from [http://www.aiam.org.au/resources/Documents/1996 UAM/PUB_Pro96_RichardAvanzino01.pdf](http://www.aiam.org.au/resources/Documents/1996%20UAM/PUB_Pro96_RichardAvanzino01.pdf)
- Beck, A. M., & Katcher, A. H. (2003). Future Directions in Human-Animal Bond Research. *American Behavioral Scientist*, 47(1), 79–93. <https://doi.org/10.1177/0002764203255214>
- Cooper, P. (2014). Consultation on rescheduling ketamine. *Veterinary Record*, 174(2), 52.1-52. <https://doi.org/10.1136/vr.g85>
- Crowell-Davis, S. L. (2008). Motivation for pet ownership and its relevance to behavior problems. *Compendium (Yardley, PA)*, 30(8), 423–424, 427–428. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19086251>
- Eckermann-Ross, C. (2011). Exotic Animal Medicine for the Veterinary Technician. *Journal of Avian Medicine and Surgery*, 25, 149. <https://doi.org/10.1647/2011-005.1>
- Edgar, J. L., & Mullan, S. M. (2011). Knowledge and attitudes of 52 UK pet rabbit owners at the point of sale. *Veterinary Record*, 168(13), 353–353. <https://doi.org/10.1136/vr.c6191>
- Fine, A. H., & Beck, A. (2010). Understanding our kinship with animals. In *Handbook on Animal-Assisted Therapy* (Third Edit, pp. 3–15). <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-381453-1.10001-7>
- Fine, A. H., Tedeschi, P., & Elvove, E. (2015). Forward Thinking. In *Handbook on Animal-Assisted Therapy* (Fourth Edi, pp. 21–35). <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-801292-5.00003-1>
- Finkelstein, S. I. (2003). *Special Species Clinic: Feathers, Scales, and Fur*. 1(57), 2–5. Retrieved from <http://repository.upenn.edu/bellwether/vol1/iss57/2>
- Frigiola, H. (2014). *Pet-Keeping in American Material Culture and Identity Formation*. 1–21. Retrieved from https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/41376910/Pet-Keeping-HFrigiola.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1515195837&Signature=Yc%2BsCq%2BQZshT%2BCiD1C%2Be0DGuRM%3D&response-content-disposition=inline%3Bfilename%3DThe_role_of_pets
- Geller, K. (2003). *The power of pets*. Retrieved from <https://vtechworks.lib.vt.edu/handle/10919/42776>
- Gibbens, N. (2013). Implementing risk-based trading. *Veterinary Record*, 173(22), 557–558. <https://doi.org/10.1136/vr.f7222>
- Godfrey, A. (2011). Human-animal interaction - the place of the companion animal in society. In *The complete textbook of veterinary nursing* (pp. 1–18). Retrieved from <https://habricentral.org/resources/4397>
- Grant, R., Montrose, V., & Wills, A. (2017). ExNOTic: Should We Be Keeping Exotic Pets? *Animals*, 7(12), 47. <https://doi.org/10.3390/ani7060047>
- Irvine, Leslie. If You Tame Me : Understanding Our Connection with Animals. Philadelphia, PA, USA: Temple University Press, 2004. (2015). In *If you tame me*.

- Kieswetter, S. (2017). The Motivations Behind Obtaining Exotic Pets. Retrieved from https://www.zoocheck.com/wp-content/uploads/2017/10/The-Motivations-Behind-Obtaining-Exotic-Pets_September-2017.pdf
- Lawton, M. P. C. (2000). Veterinary Ethics: an introduction. In *Veterinary Ethics: an introduction* (ed. Giles Legood) (p. 206). New York, EUA.
- Leigh, D. (1966). The Psychology of the Pet Owner. *Journal of Small Animal Practice*, 7(8), 517–522. <https://doi.org/10.1111/j.1748-5827.1966.tb04480.x>
- Martin, B. J. (2012a). Taxonomy and History. In *The Laboratory Rabbit, Guinea Pig, Hamster, and Other Rodents* (pp. 949–953). <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-380920-9.00038-9>
- Martin, B. J. (2012b). Taxonomy and History. In *The Laboratory Rabbit, Guinea Pig, Hamster, and Other Rodents* (pp. 949–953). <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-380920-9.00038-9>
- Morgan, M. A. (2015). Exotic Addiction. *Duke Law Journal Online*, 65(August), 1–23. Retrieved from https://scholarship.law.duke.edu/dlj_online/12/
- Mornement, K. (2018). Animals as Companions. In *Animals and Human Society* (pp. 281–304). <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-805247-1.00018-6>
- Moutou, F., & Pastoret, P. P. (2010). Why own an exotic pet? *Revue Scientifique et Technique (International Office of Epizootics)*, 29(2), 359–365, 351–358. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20919587>
- Naff, K. A., & Craig, S. (2012). The Domestic Rabbit, *Oryctolagus Cuniculus*. In *The Laboratory Rabbit, Guinea Pig, Hamster, and Other Rodents* (First Edit, pp. 157–163). <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-380920-9.00006-7>
- Normando, S., & Gelli, D. (2011). Behavioral complaints and owners' satisfaction in rabbits, mustelids, and rodents kept as pets. *Journal of Veterinary Behavior: Clinical Applications and Research*, 6(6), 337–342. <https://doi.org/10.1016/j.jveb.2011.01.005>
- Odendaal, J. S. ., & Meintjes, R. . (2003). Neurophysiological Correlates of Affiliative Behaviour between Humans and Dogs. *The Veterinary Journal*, 165(3), 296–301. [https://doi.org/10.1016/S1090-0233\(02\)00237-X](https://doi.org/10.1016/S1090-0233(02)00237-X)
- Rujoiu, O., & Rujoiu, V. (2013). Human-animal bond: Loss and grief. A review of the literature. *Revista De Asistenta Sociala [Social Work Review]*, 12(3), 163–171. Retrieved from <http://0-search.proquest.com.alpha2.latrobe.edu.au/docview/1440066598?accountid=12001>
- Schuppli, C. A., Fraser, D., & Bacon, H. J. (2014). Welfare of non-traditional pets. *Revue Scientifique et Technique (International Office of Epizootics)*, 33(1), 221–231. <https://doi.org/10.20506/rst.33.1.2287>
- Smith, G. D. (2012). Taxonomy and History. In *The Laboratory Rabbit, Guinea Pig, Hamster, and Other Rodents* (pp. 747–752). <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-380920-9.00026-2>
- Smith, K. M., Smith, K. F., & D'Auria, J. P. (2012). Exotic pets: health and safety issues for children and parents. *Journal of Pediatric Health Care : Official Publication of National Association of Pediatric Nurse Associates & Practitioners*, 26(2), e2-6. <https://doi.org/10.1016/j.pedhc.2011.11.009>

- Tegeder, G. C. (2015). *A Research Framework for the Geographic Study of Exotic Pet Mammals in the USA*. Retrieved from <http://digitalcommons.unl.edu/geographythesis%0Ahttp://digitalcommons.unl.edu/geographythesis/27>
- Vinet, L., & Zhedanov, A. (2011). A 'missing' family of classical orthogonal polynomials. *Journal of Physics A: Mathematical and Theoretical*, 44(8), 085201. <https://doi.org/10.1088/1751-8113/44/8/085201>
- Wilkins, A. S., Wrangham, R. W., & Fitch, W. T. (2014). The "Domestication Syndrome" in Mammals: A Unified Explanation Based on Neural Crest Cell Behavior and Genetics. *Genetics*, 197(3), 795–808. <https://doi.org/10.1534/genetics.114.165423>
- Wolf, M., Doorn, G. S. Van, Leimar, O., & Weissing, F. J. (2014). The Evolution of Animal Personalities. In *Animal Personalities* (pp. 252–275). <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226922065.003.0010>
- Zeder, M. A. (2015). Core questions in domestication research. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 112(11), 3191–3198. <https://doi.org/10.1073/pnas.1501711112>
- Zimolag, U. U. (2011). An Evolutionary Concept Analysis of Caring for a Pet as an Everyday Occupatio. *Journal of Occupational Science*, 18(3), 237–253. <https://doi.org/10.1080/14427591.2011.586325>

ANEXO A: COMPONENTE PRÁTICA - DESENVOLVIMENTO E DISTRIBUIÇÃO DE INQUÉRITO

Durante o estágio curricular foi desenvolvido e distribuído um inquérito com o intuito de estudar os fatores demográficos dos tutores que possuíam animais exóticos mamíferos e recorriam aos serviços do Centro Veterinário de Exóticos do Porto (CVEP), perceber os motivos que os levaram a adquirir um animal exótico, as circunstâncias em que isso aconteceu e a entender qual era o grau de satisfação perante a espécie escolhida.

O referido inquérito, e que ainda carece de validação, encontra-se anexado nas páginas seguintes. Os dados recolhidos serão analisados posteriormente para a elaboração de um artigo de investigação independente desta dissertação.

Inquérito: Coabitação Humanos-Animais Exóticos – Abordagem a este Interesse Crescente

Este inquérito foi criado no âmbito do trabalho final de curso do Mestrado Integrado em Medicina Veterinária lecionado na Escola Universitária Vasco da Gama em Coimbra da aluna Mariana Fonseca sob a orientação da Prof. Doutora Ana Calado Lopes e coorientação do Dr. Hélder Craveiro. Em termos gerais, este inquérito pretende estudar características relacionais no contexto doméstico dos animais exóticos.

Pede-se a todos os tutores a sua colaboração para este estudo. Todos os dados recolhidos são anónimos e confidenciais.

Questões relativamente ao animal.

1. Indique a espécie do animal exótico (mamífero) que detém. _____
2. Indique a sua data de aquisição. __/__/__
3. Indique a data de nascimento aproximada do seu animal. __/__/__ (Em caso de desconhecimento da data, preencha a opção que mais se adequa):
Antes do ano: _____
No ano: _____
Depois do ano: _____
4. Assinale com uma cruz (X) o género do seu animal.
F ☐ M ☐ Indeterminado ☐
5. Assinale com uma cruz (X) a circunstância como o seu animal foi ter a sua casa:
Comprado ☐ Adotado ☐ Oferecido ☐ Encontrado ☐ Outro ☐ Qual? _____
6. Assinale com uma cruz (X) a proveniência do seu animal.
Loja de animais ☐ Criador ☐ Casa de particular ☐ Meio ambiente ☐ Outro ☐
Qual? _____
7. Assinale com uma cruz (X) o tipo de alojamento em que o seu animal se encontra.
Livre ☐ Semi-livre (períodos em jaula e períodos livre) ☐ Jaula ☐ Outro ☐
Qual? _____
8. Indique as dimensões do alojamento. _____
9. Indique o local da casa onde se encontra. _____

Questões relativas à interação tutor-animal.

10. Assinale com uma cruz (X) o(s) momento(s) em que interage com o seu animal:
Durante a alimentação ☐ Durante limpeza de habitat ☐ Durante escovagem ☐ Enquanto está fora do local de alojamento ☐ Outro ☐ Qual? _____
11. Assinale com uma cruz (X) a frequência da interação com o seu animal:
Todos os dias ☐ 4 a 5 x por semana ☐ 2 a 3 x por semana ☐ 1 x por semana ☐
Ocasionalmente ☐ Nunca ☐
12. Assinale com uma cruz (X) a quantidade de tempo despendido por dia na interação com seu animal

< 30 min ☐ 30min a 1h ☐ 1h a 2h ☐ >2h ☐

13. Assinale com uma cruz (X) a opção mais correta à pergunta: Para além do tutor, outras pessoas interagem com o animal?

Não ☐

Sim ☐ Quem? _____ Em que contexto? _____

14. Na sua opinião, quais são os principais benefícios (para ambos, tutor-animal) que resultam da interação com o seu animal?

15. Na sua opinião, quais são as principais desvantagens/riscos (para ambos, tutor-animal) que resultam da interação com o seu animal?

Questões relativas ao tutor.

16. Assinale a sua resposta com uma cruz (x) o seu género:

F ☐ M ☐

17. Assinale a sua resposta com uma cruz (x) a sua idade:

<18 ☐ 18-30 ☐ 31-40 ☐ 41-50 ☐ 51-65 ☐ 66-80 ☐ >80 ☐

18. Assinale a sua resposta com uma cruz (x) o seu estado civil:

Solteiro/a ☐ Casado/a ☐ União de facto ☐ Divorciado/a ☐ Viúvo/a ☐

19. Indique o seu local de residência:

País: _____ Distrito: _____ Concelho: _____

20. Assinale a sua resposta com uma cruz (x) o seu tipo de residência:

Vivenda ☐ Moradia ☐ Apartamento ☐ Quarto ☐ Outro ☐ Qual? _____

21. Indique a composição do seu agregado familiar (Número e pessoas com quem habita).

22. Assinale com uma cruz (X) a opção mais correta à pergunta: Qual é a sua situação profissional/ocupação?

Desempregado ☐ Reformado ☐ Estudante ☐ Trabalhador por conta própria ☐ Trabalhador por conta de outrem ☐ Outra ☐ Qual? _____

23. Assinale com uma cruz (X) a opção mais correta à pergunta: Tem Religião?

Não ☐ Sim ☐ Qual? _____

24. Indique o número de animais que tem ao seu encargo _____

25. Indique as espécies dos animais que tem consigo na sua habitação.

26. Como tomou conhecimento da espécie que detém como animal de companhia? Assinale com uma cruz (X):

Loja de animais ☐ Pessoas conhecidas ☐ Internet ☐ Televisão ☐
Revistas/Livros ☐ Outro ☐ Qual? _____

27. Indique o ano em que **tomou conhecimento** da espécie exótica que detém como animal de companhia.

Ano _____

28. Indique o ano em que adquiriu o seu **primeiro** animal exótico.

Ano _____

29. Assinale com uma cruz (X) a opção mais correta à pergunta: O que o motivou a ter o seu animal exótico? (caso se adeque, pode assinalar mais que uma opção)

- ☐ Aprecia a espécie em questão (aparência, comportamento, etc.).
- ☐ O manejo/necessidades desta espécie é mais adequado ao seu estilo de vida, em relação ao tempo necessário para a sua manutenção.
- ☐ O manejo/necessidades desta espécie é mais adequado ao seu estilo de vida, em relação ao valor monetário necessário para a sua manutenção.
- ☐ Espécie cuja aquisição requer um valor monetário baixo.
- ☐ Pretendia marcar a diferença, a nível pessoal, ao adquirir um animal de companhia diferente dos considerados normais (cão e gato).
- ☐ Tem motivos que o impedem de ter outra espécie como animal de companhia (alergias, fobias, etc.).
- ☐ Faz ou pretende fazer reprodução da espécie para comercialização.
- ☐ Não tinha nenhuma motivação (pertence a membro do agregado familiar, foi oferecido, foi encontrado, etc.).
- ☐ Outro motivo. Qual? _____

30. Assinale com uma cruz (X) a opção mais correta à pergunta: Atualmente o que acha mais motivante em ter o seu animal exótico? (caso se adeque, pode assinalar mais que uma opção)

- ☐ Continua a apreciar a espécie em questão (aparência, comportamento, etc.).
- ☐ O manejo/necessidades desta espécie é mais adequado ao seu estilo de vida, em relação ao tempo necessário para a sua manutenção.
- ☐ O manejo/necessidades desta espécie é mais adequado ao seu estilo de vida, em relação ao valor monetário necessário para a sua manutenção.
- ☐ Marcar a diferença, a nível pessoal, ao ter um animal de companhia diferente dos considerados normais (cão e gato).
- ☐ Tem motivos que o impedem de ter outra espécie como animal de companhia (alergias, fobias, etc.).
- ☐ Faz ou pretende fazer reprodução da espécie para comercialização
- ☐ É um animal de companhia que desempenha um papel importante a nível pessoal e/ou no ambiente familiar (papel emocional, afetivo, faz companhia, etc.)
- ☐ Desenvolveu uma relação de afeto para com a espécie do seu animal no geral.

☐ Não tem nenhuma motivação (pertence a membro do agregado familiar, foi oferecido, foi encontrado, sente que o animal não desempenha um papel importante na sua vida, não possui uma relação de afeto com o animal, etc.).

☐ Outro motivo. Qual? _____

Nas questões que se seguem faça um círculo no número que melhor corresponde à sua resposta.

Considere uma escala de 1 a 5, em que o 1 corresponde a nada satisfeito, e o 5 corresponde a totalmente satisfeito.

31. Sente que as suas expetativas iniciais foram correspondidas?

1 2 3 4 5

32. Indique o seu grau de satisfação perante a espécie escolhida

1 2 3 4 5